

# **DEVIRES - cinema e humanidades**

Volume 2    Número 1    Janeiro/Dezembro 2004

BELO HORIZONTE  
PERIODICIDADE ANUAL  
ISSN: 1679-8503

Devires, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 01-172, jan.-dez. 2004

# DEVIRES - cinema e humanidades

## Conselho Editorial

Consuelo Lins (UFRJ)

Ismail Xavier (USP)

Jean-Louis Comolli (Universidade Paris VIII)

José Tavares de Barros (UFMG)

Marcus Freire (UNICAMP)

Phillipe Dubois (Universidade Paris III Sorbonne Nouvelle)

Phillipe Lourdou (Universidade Paris X Nanterre)

Réda Bensmaïa (Brown University)

Silvina Rodrigues Lopes (Universidade Nova de Lisboa)

Silvio Tandler (PUC-RJ)

## Comitê Editorial

Eduardo Vargas (Departamento de Sociologia e Antropologia, UFMG)

Jair Tadeu da Fonseca (Departamento de Letras, UFOP)

Maria Esther Maciel (Faculdade de Letras, UFMG)

Maurício Vasconcelos (Faculdade de Letras, UFMG)

Patrícia Franca (Escola de Belas Artes, UFMG)

Patrícia Moran (Departamento de Com. Social, UFMG)

Regina Helena da Silva (Departamento de História, UFMG)

Ronaldo de Noronha (Departamento de Sociologia e Antropologia, UFMG)

Rosângela Tugny (Escola de Música, UFMG)

Sabrina Sedlmayer (Faculdade de Letras, UFMG)

Vera França (Departamento de Com. Social, UFMG)

Virgínia Figueiredo (Departamento de Filosofia, UFMG)

## Editores

Anna Karina Bartolomeu

Carlos Maco Camargos Mendonça

César Guimarães

Ruben Caixeta de Queiroz

Projeto gráfico

Laboratório Devires

Geraldo Barroso

Editoração eletrônica

Geraldo Barroso

Capa

Carlos Maco Camargos Mendonça

Geraldo Barroso

Assistente de produção

Marina Lanza

Revisão

Irene Ernest Dias

Tradução dos resumos

Alice Loyola (francês)

Pedro Marra (inglês)

Apoio

Grupo de Estudos em Imagem e Sociabilidade GRIS/UFMG

Impressão

SEGRAC

Tiragem

300



Publicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH)  
Universidade Federal de Minas Gerais UFMG  
Avenida Antônio Carlos, 6627 Pampulha  
31270-901 Belo Horizonte MG  
Fone: (31) 3499-5050

D 495 DEVIRES cinema e humanidades / Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) v.2 n.1 (2004)

Anual

ISSN: 1679-8503

1. Antropologia. 2. Cinema. 3. Comunicação. 4. Filosofia.  
5. Fotografia. 6. História. 7. Letras. I. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

# Sumário

1. Apresentação da edição - <i>César Guimarães</i>	05
2. Da cidade palavra à cidade imagem: Rainer Werner Fassbinder e a série para TV <i>Berlin Alexanderplatz</i> - <i>Elcio Loureiro Cornelsen</i>	08
3. Musical em negro: o espectador e a dançarina - <i>César Guimarães</i>	32
4. Pela 2ª vez (o cinema) - Godard, a literatura e o feminino - <i>Maurício Salles Vasconcelos</i>	48
5. O prelúdio de um outro momento - <i>Oswaldo Teixeira</i>	64
6. Iracema: o cinema-verdade vai ao teatro - <i>Ismail Xavier</i>	70
7. Documentário brasileiro contemporâneo e a micro-história - <i>Karla Holanda</i>	86
8. A imagem animada e a pesquisa antropológica entre os dogons - <i>Philippe Lourdou</i>	102
9. Jean Rouch: o sonho mais forte que a morte - <i>Ruben Caixeta de Queiroz</i>	110
10. Não pensar o outro, mas pensar que o outro me pensa - <i>entrevista com Jean-Louis Comolli</i>	148
11. Lista de figuras e normas de publicação	170



# Apresentação da edição

Desde seu início até aos nossos dias lembra mais uma vez Jean-Luc Nancy , o cinema foi e continua sendo marcado pelos signos os mais pesados e ambíguos: o mito, as massas, o poder, o dinheiro, a vulgaridade, as atrações circenses, a exibição e o voyeurismo. Entretanto, mesmo quando se põe a serviço dos mitos, o cinema esse desfile incessante e interminável de filmes acaba por submeter toda presença imóvel e toda epifania do sentido a um deslocamento que o impede diferentemente de outras artes de conservar a evidência de uma “coisa em si”. O cinema vive de um paradoxo: da presença do que passa (no espaço e no tempo) e que, portanto, faz passar toda *apresentação*<sup>1</sup>.

O que é próprio do cinema é fazer passar as imagens e os sons, provocando a mudança do sentido fixo e cristalizado para o fluido e movente, arrastando o determinado para a deriva da indeterminação. Esse fluxo ininterrupto de filmes que o mundo nos oferece, com a diversidade de suas técnicas e recursos expressivos, faz deslizar o excesso de sentido rumo

<sup>1</sup> NANCY, Jean-Luc. L'évidence du film. Bruxelles: Yves Gevaert Éditeur, 2001, p. 79.

à insignificância, a começar daquela que é própria da vida: singela e evidente em contraposição ao extraordinário com que tantos filmes e inúmeras peças publicitárias buscam nos seduzir, ela faz passar essas imagens que não conduzem a nenhum mistério, a nenhuma revelação: “exemplares, sublimes, banais, grotescas, ingênuas, falsificadas, esboçadas, sobrecarregadas. Uma vida que faz seu cinema”<sup>2</sup>.

A cada filme, o cinema recomeça. A despeito de tudo: de suas utopias (hoje tão distantes), de suas ambições e enganos, e até mesmo da servidão aos poderes que o cerceiam o que inclui não apenas as exigências do mercado, que só enxerga no público uma audiência rentável, mas também o predomínio de certos modelos narrativos, a inflexibilidade dos roteiros, a caracterização realista dos personagens (com insossas pitadas de psicologia), a espetacularização da ação, os maus-tratos a que a linguagem verbal é submetida, a pre-visibility das relações entre os campos visual e sonoro...

Para além das diversas teorias e metodologias de ontem e de hoje que elegeram o cinema como seu objeto, o que é importa é que, quando os filmes ultrapassam o domínio do visual, eles nos engajam em uma experiência que é da ordem da alteridade. Para lembrar Serge Daney, enquanto a imagem por definição ambígua solicita um desejo de ver, o visual é governado pela vontade de tudo mostrar, unívoca e obcecadamente. Há, porém, filmes que promovem a irrupção da alteridade à maneira de um rosto que surge abruptamente no quadro e desconcerta nosso olhar e nossos códigos de reconhecimento da diferença, apresentando-nos o rumor de um outro mundo que ameaça surgir, e que logo se insinua no nosso campo perceptivo, desfamiliarizando-o. Aqui, trata-se menos do aparecimento de um outro individualizado, a exibir sua diferença enquadrada pela relação sujeito que olha/objeto olhado, do que uma estrutura. *Outrem* como estrutura dirá Deleuze, a partir do romance *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*, de Michel Tournier é aquilo que povoa o mundo de “possibilidades, de fundos, de franjas, de transições” e que constitui, no mundo mesmo, um “conjunto de bolhas que contém mundos possíveis”<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> NANCY, Jean-Luc. Idem, p. 79.

<sup>3</sup> DELEUZE, Gilles. Michel Tournier e o mundo sem outrem. In: DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 319.

Outrem é uma estrutura que retira do eu e do olho observador

o privilégio de recortar o mundo e os sujeitos que o habitam como um objeto, eles mesmos prontos a nos converter também em objeto assim que formos olhados. Mais do que a aparição da figura de Sexta-feira para Robinson Crusoe, outrem é, afinal, “o signo do não-percebido no que eu percebo”<sup>4</sup>. Ao contrário do que pode parecer, contudo, não são apenas os filmes documentários ou etnográficos comumente (e enganosamente!) identificados com a representação ou com a investigação do outro (seja o de uma outra classe ou grupo social que não o nosso, seja o de uma outra cultura) que nos propiciam tal experiência de alteridade. Seja no domínio da ficção ou no documentário (e sem excluir a interlocução entre os dois), o que é decisivo na experiência estética proporcionada pelos filmes é que eles nos ofereçam uma reserva de afecção e de imaginação que nos permita viver nossa própria experiência como experiência de alteridade: “Alguma coisa arrebentou no mundo e todo um conjunto de coisas se desmorona, convertendo em mim”, escreve Tournier. Eis aí uma bela razão para identificar e descrever os vínculos entre o Cinema em sua diversidade estilística e em seus diferentes gêneros e as Humanidades com o pluralismo de seus saberes e a multiplicidade de seus objetos.



**César Guimarães**

<sup>4</sup> DELEUZE, Gilles. Michel Tournier e o mundo sem outrem. Idem, p. 315.